A SAFRA DOS COMBUSTÍVEIS: ECONOMIA CAMPONESA, AGROENERGIA E MOVIMENTOS SOCIAIS

Coordenador: CARLOS SCHMIDT

Autor: MARTIN ANDRES MOREIRA ZAMORA

O presente trabalho tem como objetivo colaborar com o debate do desenvolvimento sustentável a partir da lógica da economia camponesa vista pela ótica da economia política. A concepção de economia camponesa apresentada diz respeito as relações de produção gestadas nas pequenas propriedades rurais, que mantêm autonomia relativa como unidade produtiva sem deixar de se relacionar com o mercado. A estratégia da agroenergia tende a desagregar esta forma de produção e contribui para o êxodo rural. O Núcleo de Economia Alternativa, em parceria com ambientalistas e movimentos sociais, tem realizado visitas técnicas, seminários, cursos, entre outras atividades que tem por objetivo discutir os impactos e propor alternativas à problemática dos agrocombustíveis. É a partir destas experiências que desenvolvemos o presente trabalho. Em trabalho desenvolvido anteriormente (A Economia Invisível da Mulher Camponesa e a Agroecologia: Um Diálogo com o Movimento de Mulheres Camponesas) para o Sétimo Salão de Extensão da UFRGS, há uma aproximação do conceito de economia camponesa, como uma forma de produção, não só para o mercado mas para a reprodução da vida. Neste contexto, encontra-se o papel da mulher camponesa como produtora socialmente não reconhecida. É a partir desta primeira aproximação que o NEA começa a problematizar a realidade do meio camponês, com auxílio do instrumental da economia política e da autogestão, desenvolvido em trabalhos anteriores. A autogestão da unidade produtiva camponesa contraria os interesses das empresas de insumos como agrotóxicos e fertilizantes químicos, e da poderosa indústria de alimentos que precisa de um produtor submetido à sua lógica de produção e de consumo dos seus produtos. Assim, o/a camponês/a passa a ser um mero proprietário jurídico de suas terras, sendo que todo o processo de produção depende da vontade das grandes agroindústrias. Mais que uma nova tecnologia, o desenvolvimento dos agrocombustíveis faz parte de uma estratégia de dominação e subserviência aos interesses do grande capital. Esta não consegue se apresentar como alternativa soberana de desenvolvimento social e sustentável a partir da produção de novas tecnologias que contemplem estes objetivos. Diferente disso, e da forma como o presente pacote tecnológico tem sido apresentado, o que percebemos é o aumento das monoculturas, a diminuição da oferta de alimentos, a exploração dos

trabalhadores rurais, como é caso dos cortadores de cana-de-açúcar, a expulsão dos camponeses de suas propriedades e o consumo passivo de novas tecnologias vindas do exterior que aumentam o pagamento de royalties e patentes. No atual quadro de descompasso entre a produção e o meio ambiente, que tem ocasionado fenômenos como o aquecimento global e a acelerada mudança climática se torna necessário pensar em alternativas de produção de baixo impacto. Para isso precisamos de um padrão de Ciência & Tecnologia, que mais do que sustentável, tenha como eixo a adequação à realidade local e a promoção do desenvolvimento soberano.